

Livro texto:
Arquivo 17
comentários de
Christina Lopreato,
Fernanda Grigolin,
Fernando de Tacca,
Paola Fabres e
Mariano
Klautau Filho

o arquivo
a greve
a alteridade
o documento
a costura

[Qualquer utilização do material aqui presente deve citar a pesquisa Arquivo 17, realizada por Fernanda Grigolin no Arquivo Edgard Leuenroth - AEL/IFCH Unicamp | www.arquivo17.com]

Fernanda Grigolin
Christina Lopreato
Fernando Tacca
Mariano Klautau Filho
Paola Fabres

[Qualquer utilização do material aqui presente deve citar a pesquisa Arquivo 17, realizada por Fernanda Grigolin no Arquivo Edgard Leuenroth - AEL/IFCH Unicamp | www.arquivo17.com]

dedicado à
Neide de Pachoal Manzone
(em memória)

LIVRO TRAJETOS

Fernanda Grigolin

Nasci numa família de origem rural que migrou para São Paulo para trabalhar em Fábricas. Meu avô deixou o cultivo de café para ser operário em uma gráfica, carregando pacotes de papel para o fluxo de impressão. Anos depois, soube que onde eu morava teve uma Greve e que ela era consequência de ações continuadas de trabalhadoras e trabalhadores de toda a cidade. Pessoas que lutavam por sua liberdade e dos demais. Segui a buscar informações e fui colhendo aos poucos e sem pressa. São vinte anos de busca.

O projeto *Arquivo 17* é só uma das possibilidades de contar a história, e minha escolha foi vinculá-la às mulheres trabalhadoras. Foram elas que iniciaram as paralizações, como fiadoras, costureiras e tecelãs.

Cavo em busca de sinais. Eles são pouco visíveis, próximos à história pouco contada das costureiras de sacarias de juta do início do século XX. As mesmas que afrouxavam propositalmente os pontos dos sacos para que, lá adiante, quando eles fossem preenchidos por grãos de café, se desmontassem e ficassem inúteis para o transporte e a venda. Era uma ação silenciosa, porém, de autonomia e resistência.

Eu as homenageio em *Arquivo 17* e gostaria de saber o nome, a imagem e como foi a vida de cada uma delas.

>

Aqui, no *Livro texto*, eu convidei companheiras e companheiros para escrever algo curto depois de olharem a edição do livro de artista. *Livro Texto* nasceu depois do livro de artista *Arquivo 17*, mas cada pessoa convidada seguiu seu trajeto particular e estabeleceu suas relações afetivas com o projeto.

Aqui, vocês lerão um a um e verão os pontos unidos pela edição e pelo projeto gráfico. Bem-vindes.

O LEGADO DA GREVE GERAL DE 1917

Christina da Silva Roquette Lopreato

A mulher no palanque fala à multidão. Solidariedade aos grevistas, ela clama! Destemida e indômita, instiga os trabalhadores recalcitrantes a aderirem ao movimento grevista. À Greve Geral!, ela incita.

A morte de José Iniguez Martinez, durante confronto entre grevistas e forças policiais no dia 9 de julho de 1917, provoca forte comoção entre os trabalhadores. Durante o cortejo fúnebre que atravessa as ruas da capital paulista, bandeiras anarquistas tremulam no meio da multidão que acompanha o féretro. A morte do sapateiro espanhol de 21 anos dá vida ao movimento grevista. O Comitê de Defesa Proletária (CDP) se forma para formular a pauta de reivindicações e orientar os trabalhadores em greve. Quando as reivindicações dirigidas aos patrões e ao governo se tornaram pública, em 12 de julho, a cidade parou. Amanheceu sem pão, sem leite, sem gás, sem luz, sem transporte. Nada funcionou na Pauliceia. A greve geral estava declarada. Uma convulsão social sem precedentes se inscrevia na história do Brasil.

A tensão se eleva. Mulheres grevistas lançam um apelo aos soldados conclamando-os a não atirarem nos seus irmãos de miséria e a se irmanarem na luta pela conquista de melhores condições de vida e de trabalho.

>

Impasse nas negociações. Uma Comissão de Imprensa é formada para intermediar o conflito. O acordo é firmado com representantes do CDP, anarquistas em sua maioria. Mas a decisão de suspender a greve geral é tomada em praça pública pelos grevistas, no dia 16 de julho. A vitória do operariado é estampada nas manchetes dos jornais paulistanos.

Mais do que a vitória econômica, os trabalhadores adquiriram consciência de si e de sua força. Doravante, a questão operária deixou de ser considerada questão de ordem pública e foi reconhecida na sua dimensão social e política ao ser incluída na plataforma de candidatos eletivos, como na campanha presidencial de Rui Barbosa, em 1919.

100 anos depois, o legado da greve geral de 1917 nos ajuda a refletir sobre a importância de se (re)pensar novas regras de convivência social que permitam ao Brasil ser um país de todos.

PRIVILÉGIO

Fernando Tacca

—
Privilégio

substantivo masculino

1 direito, vantagem, prerrogativa, válidos apenas para um indivíduo ou um grupo, em detrimento da maioria; apanágio, regalia...

Um pensamento do livro *Arquivo 17* me fez refletir: o que é ter privilégio? Pode ser uma condição social justa ou injusta, de acordo com as leis, mas é muito mais, é uma forma de existência, e pode ser um lugar de reconhecimento da natureza das injustiças e de alteridades, ou ao contrário, somente um lugar de poder. Esses territórios em disputa pelo lugar da decisão, ganharam hoje em dia em nosso país relevos com a expressão “empoderamento” a circular nas redes sociais, nos discursos e nos espaços de reivindicações. Mas, que poder interessa? Que poder pode simplesmente ser um lugar de novos ou reafirmação de velhos privilégios? Muitos de nossos antepassados europeus que para cá vieram no fluxo migratório do final do século XIX e começo do século XX, trouxeram na bagagem a ideia anarquista de um poder compartilhado em gestão coletiva. Talvez, o privilégio seja inicialmente uma questão não racional e irrefutável, lugar de nascimento, país, classe social, etc. Os entornos históricos, entretanto, resultaram nas lutas pelas garantias humanísticas de direitos iguais a todos e para esses ativistas regia exatamente o questionamento da natureza do poder. Ou seja, o poder somente interessa como processo-meio de ser alcançado, e não como um fim, quando se diluiria aos

poucos. Poder e privilégio são irmanados no seu processo de origem para fins coletivos, ou para privilégios segmentados e individuais. A natureza de um poder compartilhado estava nas estratégias comuns de sua consecução, assim, incursões na natureza, reuniões festivas, e outras formas sociais de relacionamento eram ativadas para fortalecer os relacionamentos interpessoais e solidários. Penso que a construção das identidades culturais, ligada umbilicalmente à consciência e respeito pela alteridade, questionam e deslocam o poder do privilégio.

SOU AQUELA MULHER DO CANTO ESQUERDO DO QUADRO: UMA LINHA DESFIADA NA TRAMA DO DOCUMENTO

Mariano Klautau Filho

Tocar um documento é um ato de aventura. É necessário cuidado ao percorrer sua superfície e compreender sua extensão. Tocar um documento é desafiar sua sombra e entender seu mecanismo. É perceber o ritmo de suas imagens. Tocar um documento é desarmá-lo, desfiá-lo, destramá-lo. Tocar um documento é fazer girar suas espirais.

Quando a garota no bairro do Ipiranga, em São Paulo, chegou em seu vestido quadriculado, para ver o cortejo dos funerais do Comendador Nami Jafet, em 1924, notou que havia uma câmera a registrar a população nas ruas na despedida do proprietário da fábrica de tecelagem e estampanaria. A câmera a colocou nas margens do quadro, assim como o fez com os diversos anônimos que habitam esse documento cinematográfico.

Mas Fernanda Grigolin trouxe o canto esquerdo para o foco ao se aventurar na narrativa tramada pelo documento histórico. O gesto da artista traz para mais perto de nossa atenção a figura da menina do bairro operário paulistano, ambiente marcado pela grande indústria têxtil, pelos movimentos trabalhistas, pelas organizações políticas, pela presença da mulher.

Os segundos em que a garota aparece no filme original são dilatados, alterados por um movimento de apreensão sobre a superfície da imagem. A nova duração que Grigolin imprime ao documento é um ato de verticalidade, considerando o formato do retrato, em contraposição à horizontalidade do formato paisagem.

A mulher do canto esquerdo é uma linha desfiada na trama do documento urdido pela história. A garota ressurgue no vídeo de Grigolin para que possamos desfiar outras linhas, percorrer a extensão da imagem, encontrar novas figuras a olhar para câmera, nos deter em pequenas passagens e movimentos dos transeuntes, visitar o acontecimento, e perceber outros tantos que habitam as margens do quadro. A partitura criada por Fernanda Grigolin para observar o documento alterna o piano melancólico e os silêncios e desarma delicadamente um mecanismo pautado no centro, modificando o olhar para fora da imagem no mesmo momento de um outro mergulho para dentro do quadro.

A COSTURA DO TODO

Paola Fabres

A liderança feminina aparece já na capa. Inflamando o povo, a voz que não se escuta, mas que é possível de se imaginar, sobre os gritos de todos, acionava a multidão rumo à greve de 1917. O gesto político dessa mulher no palanque evocava uma força social numa moção praticamente inédita e despertava o movimento coletivo. Essa é a ação que abre o livro. A imagem, o ruído, o grão nos remetem a esse passado.

Virando a página, as imagens vem e vão. Aparecem e desaparecem, criam arranjos, ganham corpo, se harmonizam e se atropelam para vir à tona no espaço em branco. Talvez, estejamos lidando com códigos da própria memória, que trabalha conforme uma coreografia da recordação e do esquecimento. Por isso mesmo, nos esforçamos pra segurar quando vale a pena a permanência. Grava-se, portanto, no papel uma história descavada, e nele mesmo os fragmentos de um passado vão deixando sua marca. Vira-se outra página. Atravessados pelo tempo, esses rastros ficaram visíveis.

Emancipadas, as imagens ocupam livremente o espaço da folha. Se deslocam e se alastram, invadem fronteiras e ativam as bordas, juntas ou separadas, aceitando suas próprias existências a partir da conjuntura coletiva e individual. A liberdade é quem rege essa dinâmica e é quem ativa no impresso um conceito constituinte de autonomia e autenticidade. Ainda assim, uma convive

com a outra. Mulher convive com homem, negro convive com branco e o histórico convive em comunhão com o contemporâneo. Já nem sabemos bem o que é registro de antes e o que é de hoje. No fim das contas, muitos dos direitos pelos quais se clamava no passado seguem ainda os mesmos. As lutas e dores lá de trás também se rebatem nos dias atuais.

É nesse sentido que o projeto *Arquivo 17*, expandido para além dessa configuração editorial, vai cruzando esses recortes e modelando uma possibilidade de trânsitos sincrônicos e diacrônicos. No caso da publicação, é a linha que vai unindo tudo isso. As folhas costuradas nos lembram da participação das operárias e operários da indústria têxtil nesse processo reivindicativo. Nos permite pensar numa linha simbólica que vaza do ofício, sai da função de fábrica e invade um contexto de tear social e coletivo. A linha vermelha, anárquica, surge discreta, mas dá a liga do todo. Nos amarra de lá até aqui e vincula muita coisa. As páginas se costuram, as histórias se atam e os próprios rostos anônimos que se reúnem pela rua, também.

Livro texto: Arquivo 17

autoras e autores participantes

Christina Lopreato,
Fernando de Tacca,
Fernanda Grigolin,
Mariano Klautau Filho e
Paola Fabres

revisão

Rodrigo Jorge

conselheira editorial

Regina Melim

conceito e organização

Beatriz Matuck e Fernanda Grigolin

editora

Tenda de Livros, com co-edição de Paola Fabres

projeto gráfico e produção gráfica

Beatriz Matuck

impressão

ed. lab

ARQUIVO17

Projeto

proponente

Fernanda Grigolin

consultoria

Maíra Endo

Exposição

conceito, pesquisa e trabalhos

Fernanda Grigolin

curadoria

Maíra Endo e Paola Fabres

comitê de acompanhamento

Regina Melim

e Mariano Klautau Filho

expografia

Beatriz Matuck

identidade visual e carimbos

Karina Francis Urban

produção

Maíra Endo e Paula Monterrey

montagem

Danilo Garcia

assessoria de comunicação

Maria de Moraes
(Tenda de Livros)

ação educativa

Paula Monterrey

consultoria sonora
e tratamento de áudio
Thiago R.

consultoria em artes gráficas
Danilo Perillo

consultoria de figurino
Karlla Giroto

produção de biblioteca
e arquivos dos fac-símiles
Karina Francis Urban

edição de vídeos
Pedro Pinho

música
Luna Coloms
e Fernanda Grigolin

impressões de trabalhos
Laboratório de Gravura do IA/
UNICAMP, ocupecidade e
Tenda de Livros.

local da exposição
Museu da Imagem e do Som |
Campinas

Pesquisa realizada no Arquivo
Edgard Leuenroth (AEL IFCH
UNICAMP).

outras fontes consultadas
Acervo Cinematográfico
e Videográfico de Archimedes
Lombardi

Álbum de família
de Vanessa Frederico

Álbum de família de Ananita
Rebouças, neta de Maria
Angelina Soares

Arquivo do Estado de São Paulo	Livro Ipiranga (série história dos bairros de São Paulo. v.14)
Arquivo da Gazeta do Ipiranga	#8M
Centro de Documentação e Informação Científica – CEDIC. PUC/SP	Nacho Doce/ Reuters
Cinemateca Brasileira	Revista A Cigarra (edições de 1917)
Entrevistas com fiadoras e tecelãs do Ipiranga	<u>Site</u>
Entrevista com Syrlene Maritan Casagrande	consultoria Paola Fabres
Subprefeitura do Ipiranga	programação Marcius de Andrade
pesquisas consultadas:	
Doutorado de Christina Lopreato	<u>Trabalhos Impressos</u>
Doutorado de Maria Izilda Santos de Matos	<i>Jornal de Borda</i>
Mestrado de Raquel Rolnik	conceito e edição Fernanda Grigolin
Mestrado de Samanta Colhado Mendes	projeto gráfico Lila Botter
fontes de imagens ABJF – Encontro Feminista Latino-americano, Cidade do México, México (2009)	assistente editorial Caio Paraguassu
Filme argentino <i>Ni Dios, ni patrón, ni marido</i> (2010, Laura Mañá)	colaboradores da edição #4 http://tendadelivros.org/jornaldeborda/edicao-imprensa-atual/
Fórum Internacional da AWID, Cidade do Cabo, África do Sul (2008)	<i>renascença é uma reprodução do editorial do primeiro número da revista Renascença, 1923 – uma publicação feminina dirigida por Maria Lacerda de Moura.</i>
Jornal A Plebe (edições de 1917)	

Cartazes em tipografia

cartaz em tamanho A3

projeto gráfico e impressão
ocupeacidade

cartazes em tamanho A4

projeto gráfico
Karina Francis Urban
e Fernanda Grigolin

impressão
Laboratório de Gravura do IA/
UNICAMP

Livro de artista

conceito e edição
Fernanda Grigolin

projeto gráfico
Beatriz Matuck

identidade visual
Karina Francis Urban

costura
Sidnei Perego

produção gráfica
Tenda de Livros

isbn 978-85-68151-03-7

editora
Tenda de Livros

consultoria em artes gráficas
Danilo Perillo – Laboratório
de Gravura do IA/
UNICAMP

impressão
Danilo Perillo
e Karina Francis Urban

Revista e boletim

Cosida à mão

conceito e edição
Fernanda Grigolin

projeto editorial
Fernanda Grigolin,
Paula Monterrey
e Allan Yzumizawa

projeto gráfico
Karina Francis Urban

diagramação
Paula Monterrey e Maíra Endo

impressão
Danilo Perillo
e Karina Francis Urban

Passagens

conceito e edição
Fernanda Grigolin

projeto gráfico
Karina Francis Urban
e Paula Monterrey

diagramação
Karina Francis Urban,
Paula Monterrey
e Maíra Endo

impressão
Danilo Perillo
e Karina Francis Urban

Arquivo 17 se relaciona com o doutorado que Fernanda realiza na UNICAMP, sob orientação de Fernando de Tacca.

DADOS INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO - CIP

- L864 Lopreato, Christina e Outros
Livro texto arquivo 17 /
Organização e concepção de Beatriz Matuck e Fernanda Grigolin.
Participação autoral de Christina Lopreato, Fernando de Tacca
Fernanda Grigolin, Mariano Klautau Filho e Paola Fabres.
- São Paulo: Tenda de Livros, 2017.
32 p.; Il.
- Vencedor do Edital Proac nº 15/2016 - "Concurso de Apoio a Projetos de Artes Visuais - Obras e Exposições - no Estado de São Paulo" é uma das 17 obras da Exposição Arquivo 17 juntamente com o Livro de Artista.*
- isbn 978-85-68151-05-1
1. Arte Contemporânea. 2. Artes Visuais. 3. Livro de Artista.
4. Exposição. 5. Arquivo. 6. Greve Geral de 1917. 7. História do Brasil. I. Título. II. Lopreato, Christina. III. Grigolin, Fernanda.
IV. Matuck, Beatriz. V. Tacca, Fernando de. VI. Klautau Filho, Mariano.
VII. Fabres, Paola.

CDU 778:016

CDD 770:002

Catalogação elaborada por Ruth Simão Paulino
ruth-paulino@uol.com.br

[Qualquer utilização do material aqui presente deve citar a pesquisa Arquivo 17, realizada por Fernanda Grigolin no Arquivo Edgard Leuenroth - AEL/IFCH Unicamp | www.arquivo17.com]



produção



apoio



realização



SPZIS 42 ANOS | PALÁCIO DOS AZULEIOS

PREFEITURA DE CAMPINAS
A FORÇA DA INOVAÇÃO

GOVERNO DO ESTADO
SAO PAULO
Secretaria de Cultura



Programa de pós-graduação em

ARTES VISUAIS

Uma federação em
Artes Visuais
INSTITUTO DE ARTES - UNICAMP

